

NEWTON CARLOS
ESCREVE AS REPORTAGENS DA HISTÓRIA

A 2^a GRANDE GUERRA

61

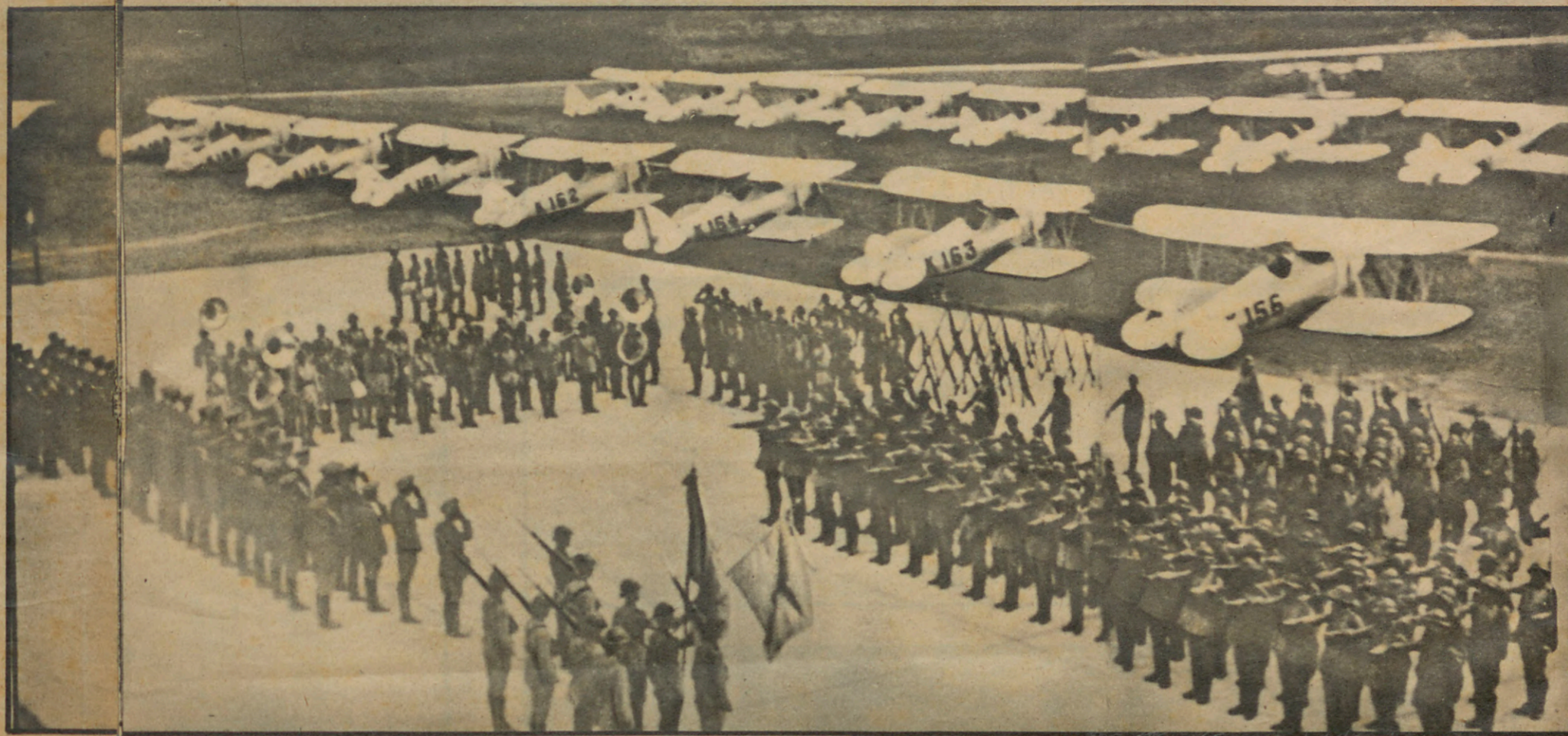
14

SABOTAGEM DE NAVIOS
BRASILEIROS NO ATLÂNTICO FORÇOU
UMA DEFINIÇÃO E, DURANTE UM ANO,
A FEB LUTOU COM BRAVURA
NOS CAMPOS DA ITÁLIA

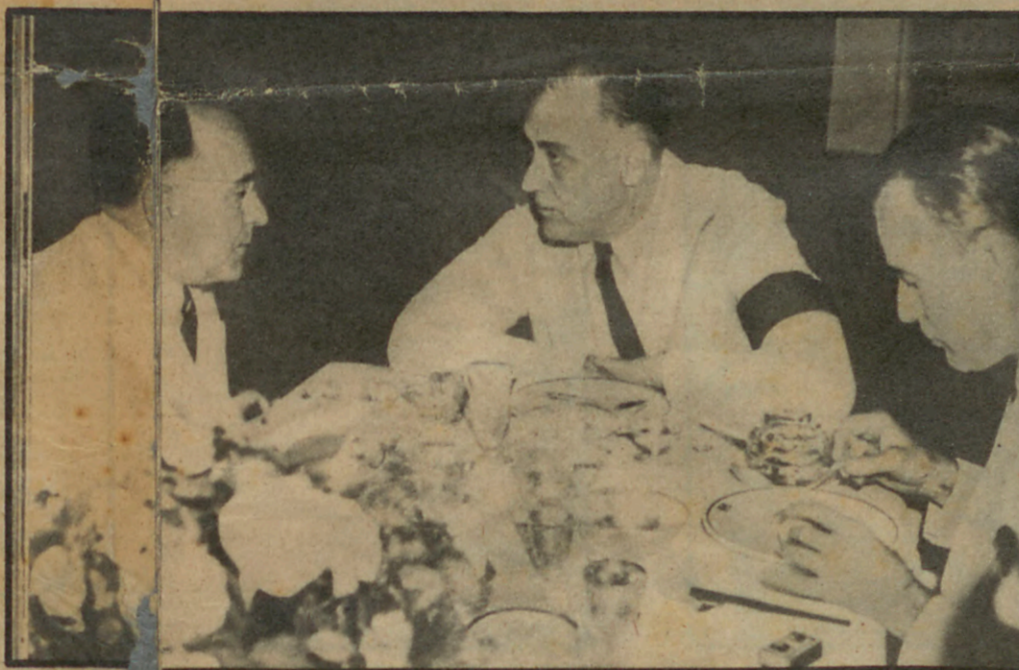
BRASIL NA GUERRA

(O autor agradece a colaboração do jornalista Alberto Fernandes, que serviu na FEB como sargento-artilheiro, tendo estado sete meses em combate).

REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS DE JUVENIL DE SOUSA



Em agosto de 42, quando o Brasil já cumpria sua missão de patrulhar as costas do Atlântico, foi decidida a sua entrada no cenário da guerra.



Vargas e Roosevelt discutiram pessoalmente a participação do Brasil. Ao lado, o Gen. Mascarenhas de Moraes passando em revista efetivos da FEB.

O Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália a 22 de agosto de 1942. O afundamento, em apenas dois dias (15 e 16 de agosto), de cinco navios mercantes brasileiros, precipitou a formalização do estado de guerra entre o nosso país e as duas potências européias do Eixo. Mas, na realidade, começou o Brasil a envolver-se na guerra desde 1940, desenvolvendo intensamente a exploração de suas riquezas naturais para o abastecimento dos arsenais das democracias. Em 1940, as nossas exportações de produtos minerais foram de 500 milhões de dólares. Em 1914, já ultrapassavam um bilhão. De 1940 a 1941, as exportações brasileiras de minério de ferro aumentaram de 260 mil toneladas para 430 mil. A três de março de 1942, um acordo assinado em Washington entre o Brasil e os EUA fixou a região amazônica como a principal fonte de matérias-primas para a defesa do hemisfério ocidental.

Chegamos à ação armada participando primeiro da guerra da produção. Empenhados na luta de vida ou morte visando a cortar os suprimentos de matérias-primas para os aliados, desencadearam os alemães uma campanha submarina de proporções espantosas, que fatalmente chegaria, como chegou, às nossas costas. A primeira vítima brasileira foi o navio "Cabelado", afundado a 14 de fevereiro de 1942, quando voltava dos Estados Unidos. Pouco depois, eram afundados o "Buarque" e o "Olinde", ainda em alto-mar. Em represália, confiscou o nosso Governo bens de cidadãos alemães e italianos, o que não impediu que os afundamentos continuassem, numa escala cada vez mais trágica. Com enormes perdas materiais e humanas, foram torpedeados, um atrás do outro: "Arabutã", "Cairu", "Paranaíba", "Comandante Lira", "Gonçalves Dias", "Alegrete", "Pedrinhas", "Tamandaré" e "Piave", todos

navios de longo curso. Mas entre 15 e 16 de agosto, os submarinos alemães afundaram não menos de cinco barcos brasileiros de cabotagem, isto é, pequenos barcos de linhas domésticas, sem nenhuma relação com a ponte marítima entre o Brasil e os países aliados. O "Baependi" foi afundado a pouco mais de vinte quilômetros da foz do rio Real. Para torpedear o "Itagiba" e o "Arará", os submarinos alemães chegaram a menos de 10 quilômetros da costa baiana. O "Araraquara" e o "Anibal Benévolo" completaram o número de vítimas desse ato criminoso, que resultou na morte de 607 brasileiros. Com o povo nas ruas exigindo reação, poucos dias depois declarou-se o Brasil em estado de guerra com a Alemanha e a Itália.

Quando entramos na guerra, estava a Alemanha no auge de suas conquistas. Numa segunda grande ofensiva de verão, avançava a Wehrmacht em território russo, na direção do

Volga e do Cáucaso, e a tomada de Stalingrado, que não se verificou, afinal, parecia iminente. Os aliados se preparavam, ainda, para a invasão da África do Norte e os norte-americanos mal saíam de sua primeira grande vitória no Pacífico, no arquipélago de Midway. Os submarinos alemães afundavam, na época, um milhão de toneladas de barcos mercantes por mês, pondo em xeque as perspectivas de sobrevivência da Inglaterra e da União Soviética, cuja luta dependia fundamentalmente da ajuda que chegava por mar. Não entramos, como muitos julgam, numa guerra já ganha, nem a nossa participação no conflito foi simbólica.

NO MAR

Do total de 4 786 navios mercantes, neutros e aliados, afundados pelo Eixo durante a guerra, 3 019 tiveram o Atlântico como túmulo. Tais números dão, pelo menos, uma visão

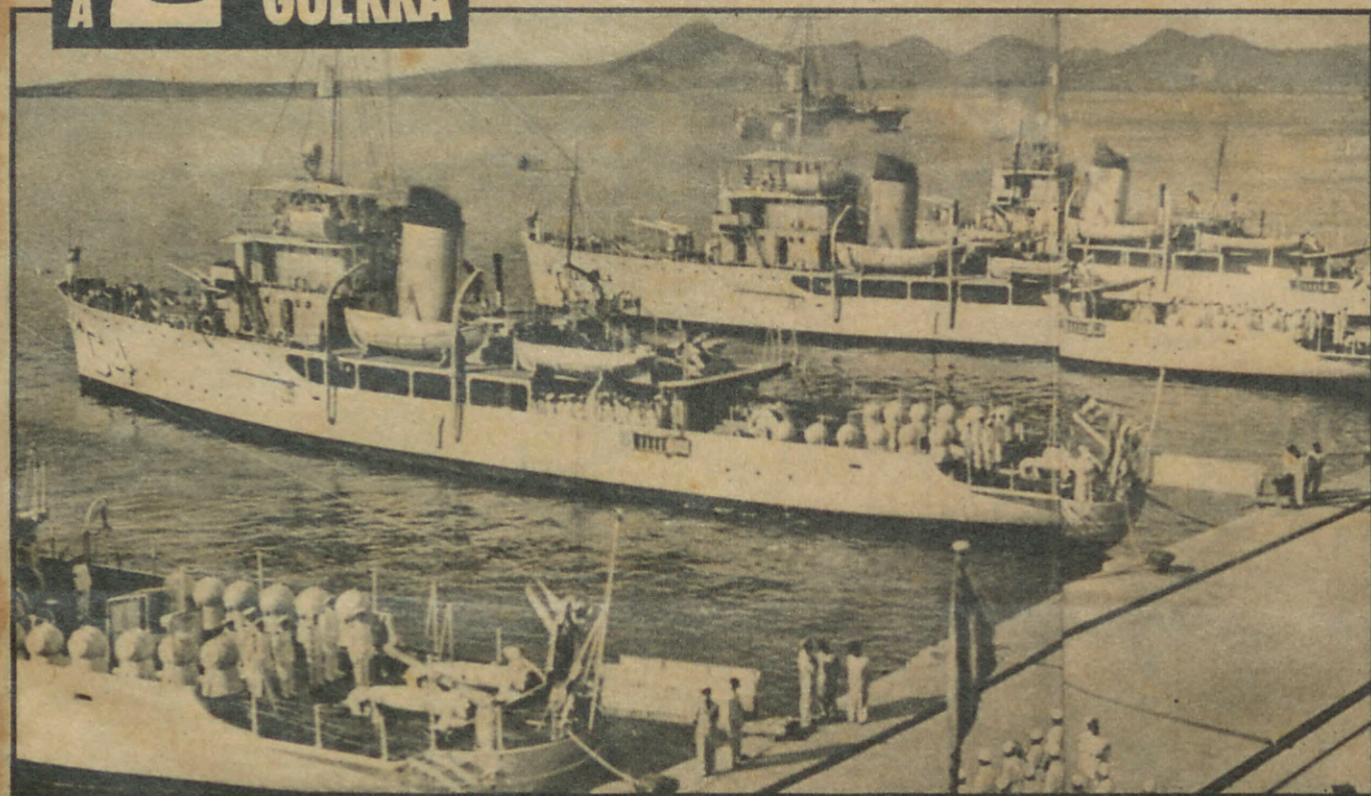
estatística da Batalha do Atlântico, um combate sem tréguas aos submarinos nazistas que concentraram o peso de seu enorme poder ofensivo na tentativa desesperada de paralisar as principais rotas marítimas de comunicações, comércio e abastecimento dos aliados, nesse oceano. Foi aí que a guerra começou, para os brasileiros. Coube à nossa Marinha a tarefa de guardar uma rota de 3 895 milhas marítimas, de Trinidad ao Rio Grande do Sul.

Declarada a guerra, os afundamentos de navios mercantes brasileiros continuaram. Foram para o fundo, sucessivamente: "Jacira", "Osório", "Lajes", "Antonico", "Pôrto Alegre", "Apalóide", "Brasilóide", "Alfonso Pena", "Tutóia", "Pelotaslóide", "Bagé", "Itapagé" e "Campos". Perdemos, ao todo, 31 navios, que representavam 20 por cento de nossa Marinha Mercante. As perdas humanas totalizaram 971, entre tripulantes, passageiros e tro-

pas que se deslocavam para o Nordeste.

Dispondo de recursos modestos, a Marinha de Guerra brasileira empenhou-se a fundo, e com bravura, na execução das tarefas que lhe cabiam, na Batalha do Atlântico. Pagou, por isso, pesado tributo, perdendo três navios, entre eles um de grande porte, o cruzador "Bahia", que afundou levando quase toda a sua tripulação de 473 homens. Salvaram-se 36, apenas. Os outros dois foram o "Vital de Oliveira" e o "Camaquã", este afundado diante do Recife. A Batalha do Atlântico custou à nossa Marinha a perda de 476 homens.

Todas essas perdas não dão, no entanto, uma idéia exata do que significou a contribuição brasileira, na luta no mar. Do começo da guerra até 31 de julho de 1945, os nossos barcos comboiaram, sob sua total responsabilidade, 2 918 navios mercantes de várias nacionalidades, tendo participado, ainda, de muitos



Estes são os primeiros efetivos da FEB embarcando para a Itália. Muitos d'êles partiram sorridentes e não voltaram.

O couraçado "São Paulo" fêz

parte do patrulhamento das costas e portos.

comboios norte-americanos. Utilizando unicamente seus próprios meios, velou a esquadra brasileira pela segurança de 233 comboios, em águas nacionais e internacionais, e executou 182 ataques contra submarinos inimigos, afundando 13. A respeito da ação de nossos marujos, disse o Almirante Ingram, Comandante da 4.ª Esquadra norte-americana:

— Tive oportunidade de apreciar de perto a bravura e a capacidade dos marinheiros do Brasil. As operações de que êsses bravos marujos se encarregaram foram de suma importância, e os esforços despendidos, tremendos. É preciso que o povo brasileiro tenha conhecimento do que foi a tarefa d'êsses bravos soldados do mar.

EM TERRA

ENQUANTO se desenvolvia a luta no mar, reforçava o Brasil a defesa de suas costas,

especialmente no Nordeste. O Exército, de 60 mil homens, foi rapidamente aumentado. Conseguiu o nosso Governo que os Estados Unidos, empenhados na criação de uma força que iria invadir a África do Norte, mantivessem o fornecimento do material de guerra necessário à nossa defesa. Na época, ainda se admitia uma ação alemã contra o território brasileiro, partindo das colônias francesas da África, em mãos do regime de Vichy.

A ação brasileira não se limitaria, porém, a operações de caráter defensivo. A 27 de agosto de 1942, cinco dias depois da nossa entrada na guerra, foi decidida, em princípio, durante uma reunião em Washington da Comissão Mista Militar, a criação de uma Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária brasileira, com armamentos e equipamentos norte-americanos e enquadrada em esquemas táticos do Exército dos Estados Unidos, em cujo âm-

bito iria combater. Essa força seria enviada a campos de batalha na África ou na própria Europa. Um ano depois, em agosto de 1943, já completados os trabalhos preparatórios, começou a fase efetiva de organização da Força Expedicionária Brasileira, o primeiro grupamento de combate que o Brasil mandaria, como país soberano, participar de uma guerra fora do continente. Os cinco mil homens do primeiro escalão brasileiro chegaram a Nápoles, a caminho da frente italiana, a 16 de julho de 1944. Em editorial, comentou o New York Times:

"Constitui um evento histórico o anúncio da chegada à Itália da Força Expedicionária Brasileira. Uma nova bandeira, a dos Estados Unidos do Brasil, se junta às que combatem os alemães. É a primeira vez que um Exército das Américas, à exceção dos norte-americano e canadense, cruza o oceano para defender a causa da liberdade. Isto dá a cada continente

uma representação no campo de batalha contra o Eixo."

O começo de organização da FEB envolveu um total aproximado de 25 mil homens, que convergiam para a Vila Militar, Deodoro e cercanias, no Rio, vindos de quase todo o Brasil. A três de março de 1943, uma comissão militar brasileira dirigiu-se à África e logo depois à Itália, onde os aliados começaram a desembarcar em julho, com a missão de examinar o terreno onde atuariam nossos soldados. Terminada a fase de treinamento, em quartéis brasileiros, foi a FEB enviada à Itália, parceladamente, já que os Estados Unidos não estavam em condições de retirar navios de outras áreas de ação para transportá-la de uma só vez. O primeiro escalão embarcou no Rio a 29 de junho de 1944, a bordo do enorme transporte norte-americano "General Mann", que seguiu para Nápoles a dois de julho, sob forte escolta

de navios de guerra brasileiros. Os dois escalões seguintes chegaram ao mesmo pórtio italiano a seis de outubro. Vinte mil soldados brasileiros estavam, assim, deslocados para a Europa. A ordem para a FEB entrar em combate, como parte do 4.º Corpo do 5.º Exército norte-americano, comandado pelo General Mark Clark, viria a 10 de setembro.

Como se apresentava a guerra, para os brasileiros? Depois da queda de Roma, a 4 de junho de 1944, o poder ofensivo do 5.º Exército dos Estados Unidos foi seriamente comprometido com a retirada de nove divisões (120 mil homens) que se uniriam num novo Exército, o Sétimo, cuja missão seria desembarcar no Sul da França. Pouco depois, deslocou-se também para o Mediterrâneo o Corpo Expedicionário Francês. Restavam, ao General Mark Clark, quatro divisões de infantaria, esgotadas por meses de combate (a marcha até

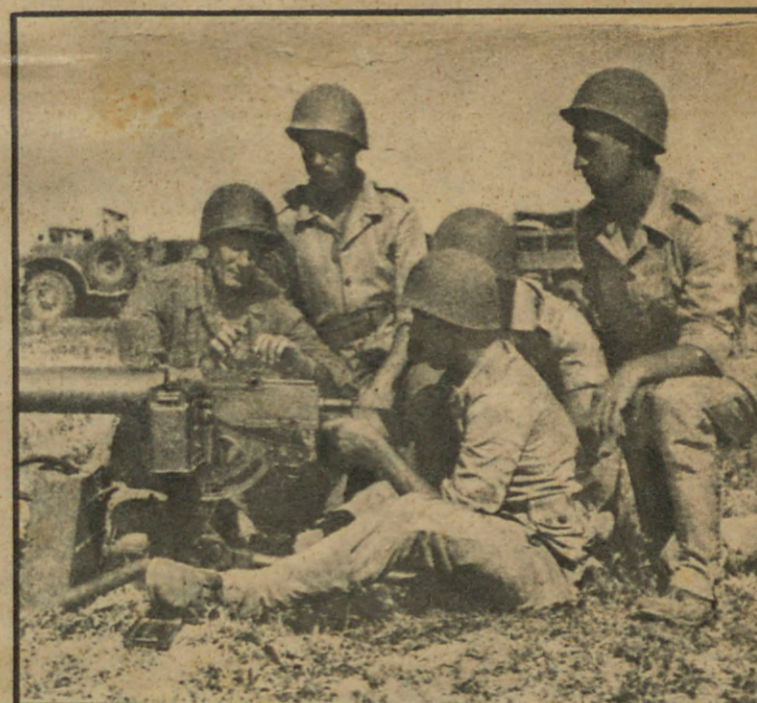
Roma exigiu nove meses de luta árdua), e uma divisão blindada. Somente com o reforço, a título de emergência, de duas divisões de infantaria e duas blindadas, do 8.º Exército inglês, pôde o 5.º Exército norte-americano permanecer na ofensiva, atacando os alemães na planície do rio Arno, sobre o eixo Florença—Bolonha, enquanto os ingleses assumiam a responsabilidade do esforço principal, transpondo o rio Metauro e avançando para Rimini. Com receio de que êsse amplo movimento de pinças os cercasse completamente, os alemães abandonaram as planícies e refugiaram-se na linha gótica, poderosa cadeia defensiva, já contando com casamatas de concreto localizadas em ótimas posições de terreno, montada na cordilheira dos Apeninos. Foi nesse cenário, depois de recebidos com euforia pelos norte-americanos, necessitados de reforços urgentes, que os brasileiros travaram os primeiros combates



A guerra foi um fator importante no desenvolvimento da aviação brasileira. Na foto ao centro, o Gen. Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB,



e o Gen. Mark Clark, passam em revista as tropas brasileiras. À direita, a 148.ª Divisão alemã, que, finalmente, se rendeu aos brasileiros.



com os alemães, lutando, como iriam fazê-lo por muitos meses a mais, de baixo para cima, isto é, indo buscar um inimigo encastelado em posições sobre morros escarpados, facilmente defensáveis. Dezoito divisões alemãs, algumas incompletas, defendiam a linha Gótica. Eram os 10.º e 14.º Exércitos. Às 19 horas do dia 15 de setembro de 1944, quando norte-americanos, ingleses e canadenses avançavam pela França e os russos pela Polônia, um "combat team" brasileiro, substituindo uma unidade de combate norte-americana, estabeleceu contato com uma unidade do 10.º Exército alemão, na acidentada frente do rio Serchio, ajudando a abrir caminho para o avanço aliado em direção ao norte da Itália. A pequena aldeia de Massarosa foi a primeira localidade conquistada pela FEB.

Nervosa a princípio, e confiante logo depois, a ofensiva brasileira continuou por mais

13 dias, com a tomada de Camaione e outras localidades menores. Já se pensava, então, em juntar essa unidade em combate ao restante da Divisão ainda inativa, deslocando-a para a frente do rio Reno (não confundir com o Reno alemão), onde exigia reforços a ofensiva geral sobre o grande entroncamento rodoferroviário de Bolonha, no rumo do passo de Brenner, que corta os Alpes e liga a Itália à Áustria e à Alemanha. O excesso de confiança acabou prejudicando os dois últimos ataques brasileiros na frente do Serchio, o que serviu de lição para combates que iriam ser travados em frentes muito mais importantes.

Deslocada para a região do Reno quando a linha de frente distava apenas 15 quilômetros de Bolonha, a Força Expedicionária Brasileira, sob condições de vida e de combate duríssimas, pôde desenvolver sua capacidade operativa, enrijecendo-se e lutando em condi-

ções de igualdade com qualquer outra divisão. Mostram as estatísticas que as baixas brasileiras, por divisão, foram iguais às dos demais aliados lutando na Itália. A 11 de novembro, todos os elementos de combate da FEB estavam nas posições a eles destinadas, cobrindo uma linha que passava ao norte do rio Reno, por Volpara, Alfriço, Torre di Nerone, Fornaci, La Serra e Querceto. Ainda se processava a entrada em linha, quando os brasileiros receberam ordem para conquistar Castelnuovo, reforçando a posição dos aliados sobre o Reno e garantindo a posse do observatório de Torre di Nerone, o único que dominava boa parte da região sob domínio dos alemães. Mal era iniciada essa operação, o comando do 4.º Corpo de Exército determinou um ataque conjunto brasileiro-americano contra o que seria nosso mais ambicionado objetivo e também maior carasco: Monte Castelo, ponto-chave do siste-

ma defensivo alemão, na região, e observatório excepcional, cobrindo 18 quilômetros de linha de frente. Mal preparado e executado com força heterogênea (nessa única operação conjunta com soldados de outras nacionalidades, a FEB participou com o 3.º Batalhão do 6.º Regimento de Infantaria e um Esquadrão de Reconhecimento), o ataque terminou fracassando. As várias companhias brasileiras que atingiram seus objetivos ficaram com o flanco esquerdo completamente a descoberto, devido à lentidão do avanço norte-americano.

Três outros ataques seriam feitos a Monte Castelo, posição de acesso difícil, a 977 metros de altitude, agora unicamente por brasileiros. O primeiro, executado na manhã de 29 de novembro, com uma tropa mal dormida, foi prejudicado pela expulsão dos norte-americanos de Monte Belvedere, de 1.140 metros de altitude, à esquerda de nossa escalada. Estávamos de

novo com flanco a descoberto. Enfurnados em suas posições ao alto, resistiram os alemães a todo o bombardeio de artilharia e a tôdas as cargas de infantaria. Os tanques norte-americanos encarregados de apoiar o avanço de nossos infantantes andaram 100 metros e pararam, com defeitos mecânicos. Monte Castelo só caiu com mais dois ataques, o último, o decisivo, apoiado pela aviação brasileira e por uma força de artilharia disposta de cerca de 270 canhões. A posição foi totalmente conquistada na tarde de 21 de fevereiro de 1945, depois de quase dois meses de assédio. Entre mortos e feridos, a tomada de Monte Castelo custou 478 baixas à FEB.

Mas o esforço não estava terminado. A 26 de fevereiro, depois de conquistar La Serra e Seneveglio, garantiam os brasileiros a posse da importante cadeia de elevações que protegiam as posições alemãs. Iniciou-se, então, o período

da vingança, com os efetivos da FEB agora no alto atirando contra alemães, embaixo. A 6 de março, depois de violenta luta e grandes perdas em campos minados, o 6.º Regimento de Infantaria, a primeira tropa brasileira a entrar em combate, no vale do rio Serchio, ocupou a importante posição de Castelnuovo, encerrando uma série de conquistas que antecederiam à ofensiva final contra os alemães, na Itália. Nessa ofensiva, o 4.º Corpo de Exército, e com ele a Divisão brasileira, assumiram a responsabilidade do esforço principal, em reconhecimento ao seu poder ofensivo.

A 14 de abril começou o ataque a Montese, onde os brasileiros, sob intenso fogo alemão (houve fases do combate em que os alemães jogavam contra nossos soldados 150 granadas em cada 10 minutos em pequenas áreas), lutaram de casa em casa, a granada, lança-rojões, faca e fuzil. Foi a ação mais rude e mais

violenta de toda a campanha da FEB. Daí, desceria ela para a planície, para o vale do Pó, em velocidade acelerada (a artilharia foi deixada atrás), numa tentativa de cortar a fuga dos alemães pelo passo de Brenner. Depois de três dias de combate, toda uma Divisão alemã, a 148.^a, com 14 779 homens, rendeu-se aos brasileiros na região de Collecchio e Fornovo. Feito único, na guerra da Itália. A última arancada da FEB alcançou a localidade de Susa, onde os brasileiros fizeram junção com forças francesas que haviam entrado na Itália pelos Alpes. Quando a guerra terminou na Itália, a dois de maio de 1945, seis dias antes da capitulação alemã nas outras frentes européias, os efetivos da FEB dominavam grande parte do vale do rio Pó.

NO AR

A participação da Força Aérea Brasileira na guerra foi feita através do 1.º Grupo de Caça, que se incorporou, na Itália, ao 350.º Regimento de Caça americano. Atuando como unidade caça-bombardeiro, utilizou aviões P-47, Thunderbolt, norte-americanos.

O núcleo dessa força foi constituído por

15 oficiais-aviadores e 16 sargentos, que em janeiro de 1944 iniciou seu treinamento na Escola de Tática Aplicada de Orlando, Estados Unidos. Esse treinamento completou-se no Panamá.

O 1.º Grupo de Caça brasileiro (39 pilotos em serviço, três em cargos de chefia e 332 praças) chegou a Livorno a dois de outubro de 1944, dirigindo-se de trem para o campo de aviação de Tarquinia. Seu batismo de fogo foi a 31 de outubro, num ataque contra um pátio de manobra ferroviária, quando enfrentaram intensa ação antiárea. A 6 de novembro, durante um bombardeio picado contra posição alemã perto de Bolonha, foi abatido o 2.º Tenente John Richardson Cordeiro e Silva, o primeiro aviador brasileiro a morrer na Itália.

Mas o Grupo só começou a operar como unidade a 11 de novembro. Nove dias depois, executou sua primeira missão de bombardeio, sendo transferido, em princípios de dezembro, para o campo de Pisa, ao norte, a pouco mais de trinta quilômetros da linha de frente. De 31 de outubro a 31 de dezembro de 1944 realizaram os pilotos brasileiros 136 missões, totalizando 1 704 horas de voo. Perdeu o Grupo, nesse período, sete pilotos e quatro aviões. Em janeiro de 1945, realizaram os brasileiros as mais perigosas incumbências em todo o emprêgo de caças-bombardeiros, antecedendo à ação de bombardeiros médios na região do

passo de Brenner. Sua tarefa era inutilizar as posições de artilharia em vôos rasantes e permanecer nas imediações, em trabalho de cobertura, durante o ataque dos bombardeiros.

A ação do 1.º Grupo de Caça brasileiro continuou no mesmo ritmo, embora se ressentisse êle da ausência de companheiros abatidos e não substituídos. Em abril, durante o período crítico e decisivo da ação aliada no Mediterrâneo, os 26 pilotos brasileiros em ação duplicaram o seu número normal de missões. Depois de 16 de abril, quando foi iniciada a ofensiva de primavera do 5.º Exército, executaram êles, em média, 10 missões diárias. Era raro o dia em que um mesmo piloto não voasse duas vezes. Nesse mês, especialmente no dia 22, quando oito de seus aviões foram atingidos pelo fogo antiáereo inimigo, realizaram os pilotos brasileiros seus feitos mais marcantes.

Terminada a campanha, dispunha o 1.º Grupo de Caça de 22 pilotos em ação e mais seis egressos do cativeiro. Seu lema, "Senta a Pua", foi traduzido pelos norte-americanos como Tally Ho ou simplesmente let'em have it.

Na próxima semana:

ÚLTIMAS CARTADAS DE HITLER

